



O PENSAMENTO CONSERVADOR E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS
MACHISTAS E HOMOFÓBICAS NO INTERIOR DE UMA ESCOLA PÚBLICA

*José Antonio Sepulveda**

*Denize Sepulveda***

*Nathalya Reimol da Costa****

RESUMO:

Este texto é fruto do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e Estudos Conservadorismo e Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFF, que procura entender a retórica argumentativa do pensamento conservador, principalmente o caráter relativamente fixo de seus pressupostos. Esses seguem padrões invariantes de argumentações teóricas. Assim, tal pensamento influencia os discursos, as posições, as práticas machistas e homofóbicas na sociedade e no interior de muitas instituições escolares. A partir de uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública da Rede FAETEC (Fundação de Apoio a Escola Técnica), foi percebido que o pensamento conservador é um dos elementos que orienta o discurso e as práticas machistas e chauvinistas de um professor em relação a uma estudante com orientação homossexual. Partindo das observações, entrevistas e narrativas deste professor e da aluna foi identificado que essa estudante sofria processos de exclusão que se materializavam em práticas homofóbicas. Foi apreendido também que os procedimentos de discriminação e perseguição, frutos de um pensamento conservador, eram desenvolvidos na tentativa de corrigir a jovem, para que ela apresentasse uma sexualidade que o professor entendia como normal.

* Professor Adjunto da Faculdade de Educação na Universidade Federal Fluminense. Departamento de Fundamentos Pedagógicos. Doutorado em Educação pela UFRJ. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa: Conservadorismo e Educação Brasileira da UFF. E-mail: jamsepulveda3@hotmail.com

** Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. Pós-Doutora em Educação no PROPED/UERJ. Doutora em Educação no PROPED/UERJ. Vice-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa: Conservadorismo e Educação Brasileira da UFF. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Gênero, Sexualidades e Diversidades nos Vários Espaços Tempos Cotidianos” da FFFP/UERJ. E-mail: denizesepulveda@hotmail.com

*** Graduanda em Psicologia nas Faculdades Integradas Maria Thereza. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa: Conservadorismo e Educação Brasileira da UFF. E-mail: natreimol@gmail.com



Palavras-chave:

Conservadorismo, Exclusão, Práticas

O PENSAMENTO CONSERVADOR E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS MACHISTAS E HOMOFÓBICAS NO INTERIOR DE UMA ESCOLA PÚBLICA

*José Antonio Sepulveda
Denize Sepulveda
Nathalya Reimol da Costa*

A crescente presença do discurso conservador em nossa atual sociedade e a sua relação com as práticas homofóbicas estruturam a base de argumentação deste texto. Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é demonstrar como a homofobia na escola é um agente de exclusão social com impactos graves na formação das identidades de todxs xs studentxs. Para isso, foram feitas entrevistas na Escola Estadual de Ensino Fundamental República, integrante da Fundação de Apoio à Escola Técnica, ligada a Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação do governo do Estado do Rio de Janeiro.

Este trabalho está dividido em duas partes: uma que discute o conceito de conservadorismo e o relaciona com a sociedade brasileira contemporânea, e outra que relaciona o conservadorismo com as práticas homofóbicas feitas nas escolas.

Conservadorismo

A primeira questão que emerge ao apresentar o tema é: existe um conceito de conservadorismo? A dificuldade dessa resposta é tão grande que, segundo Bonazzi (2000), é mais fácil entender o conceito de conservador pela variedade de significados atribuídos ao adjetivo do que entender o substantivo conservadorismo pela dificuldade de determinar a sua natureza e os seus fins. A inexistência de uma teoria política comum que defina os conservadores e a dificuldade dos conservadores em sistematizar suas próprias ideias complica mais ainda a compreensão do termo. Com isso, o uso da palavra entra no cotidiano com sentidos variados, ganhando vida e sendo apropriado, muitas vezes, como uma forma de xingamento.

Outro agente complicador do termo é o seu uso relacionado ao comportamento humano. Assim, uma pessoa pode ser politicamente inovadora e ter condutas conservadoras com relação à família, ou até mesmo em relação a práticas sexuais. A



primeira conclusão que podemos chegar com relação ao tema é que ele é realmente confuso e entorpecido por uma carga emotiva muito grande, já que ele é relacionado também ao comportamento humano.

Se, pois, a Ciência Política realça no Conservadorismo o caráter universal, fazendo dele uma constante necessária da política, perde de vista a especificidade do termo. Trata-se, com efeito, de um resultado intencional, porquanto é preocupação comum aos psicólogos, sociólogos e politólogos evitar a forte carga emotiva a ele ligada, onde se vê, não sem razão, a causa primeira de sua ambiguidade, se não verdadeiramente o elemento que, reunindo os vários significados com que o termo é usado, lhe dá uma vida unitária fictícia. (BONAZZI, 2000, p. 242-243).

Dessa forma, a existência dessa carga emotiva é de grande importância, pois demonstra a polaridade de argumentos de que está impregnada a sociedade contemporânea. Tal polaridade se apresenta na intensa relação em que se põe no uso comum o termo conservadorismo com outro termo também ambíguo que é, teoricamente o seu antônimo, “progressismo”. Esse termo, inicialmente, significa uma atitude otimista quanto às possibilidades de desenvolvimento humano. Assim, no senso comum, conservadorismo se apresenta como a negação de tais possibilidades. Essa forma de compreensão reduz as práticas conservadoras à existência de práticas progressistas. Ou seja, só seria possível entender o conservadorismo a partir das práticas opostas, dando assim, um caráter reativo ao termo em destaque.

A tese reativa nos parece frágil. Não acreditamos ser possível entender o conservadorismo como uma simples reação. Muito menos que não produza conhecimento e nem agentes políticos. Há séculos existem no campo político os partidos conservadores, com propostas e agendas políticas bem desenvolvidas. E tais partidos são proativos, principalmente no que tange o desenvolvimento econômico e tecnológico. Hirschman (1992) afirma que a nossa linguagem moderna está sob a influência da crença no progresso: “ela implica que o mero desenrolar do tempo traz consigo o melhoramento dos homens, de modo que qualquer volta atrás seria calamitosa” (p.17). A denúncia feita por esse autor é correta no nosso ponto de vista, o fato de existir mudanças sociais com argumento de progressista não necessariamente é positiva para a humanidade, um exemplo disso são as propostas de reformas trabalhistas e previdenciárias que assolam o mundo hoje. Com certeza elas significam perdas para



os trabalhadores. No entanto, reagir a isso não é uma atitude calamitosa, ou seja, o dito “progresso” nem sempre é positivo.

Com efeito, é possível, no entanto, afirmar que para se entender o conservadorismo, primeiramente é necessário entendê-lo dentro do campo de debate da política. Assim, deixamos de lado a discussão do comportamento humano, e nos colocamos no lugar onde é plausível visualizar melhor o conservadorismo. Dessa forma, segundo Hirschmam (1992), é admissível identificar uma retórica do conservadorismo político. Tal retórica se apresenta como enfrentamento a qualquer mudança no ordenamento político que possa de alguma forma modificar as relações de poder em uma sociedade. Nesse sentido, o Conservadorismo Político, é inaugurado por Edmund Burke e sua crítica a Revolução Francesa. O principal medo desse autor era a modificação nas relações sociais, principalmente, a ascensão de novas classes sociais ao poder.

A partir da constatação acima, Hirschmam (1992) passa a identificar três teses recorrentes da retórica conservadora: tese da perversidade, tese da futilidade e tese da ameaça.

De acordo com a tese da perversidade, qualquer ação proposital para melhorar um aspecto da ordem econômica, social, ou política só serve para exacerbar a situação que se deseja remediar. A tese da futilidade sustenta que as tentativas de transformação social serão infrutíferas, que simplesmente não conseguirão ‘deixar uma marca’. Finalmente, a tese da ameaça argumenta que o custo da reforma ou mudança proposta é alto demais, pois coloca em perigo outra preciosa realização anterior. (p. 15).

É obvio que tais argumentos não são invocados somente por conservadores, qualquer grupo pode e faz uso deles, principalmente quando os partidos conservadores estão no poder. O problema é o momento e os objetivos pelo qual as teses são utilizadas. Quando tais teses são empregadas para evitar qualquer transformação na ordem social ou melhorias reais para as classes trabalhadoras, ou para qualquer grupo minoritário, temos uma retórica conservadora. Vale destacar que quando o conservadorismo do campo político tem que discutir qualquer assunto de natureza moral ou comportamental, ele tende a defender os valores tradicionais. Como já mencionado acima, quando tratamos de comportamento humano, o termo conservadorismo se torna mais complexo. Assim, para facilitar a análise, quando do debate desses assuntos no



campo político, os conservadores estão sempre contrários às minorias. Temas como: direitos sexuais e reprodutivos, descriminalização das drogas, estão sempre na mira dos conservadores.

Dessa forma, retornamos ao problema do comportamento humano. Afinal, pessoas de diferentes partidos políticos, inclusive não conservadores, podem adotar visões conservadoras com relação a alguns temas. Todavia, o fato de ter visão conservadora não necessariamente implica em conservadorismo político. Por exemplo, uma pessoa pode ser contra o aborto e apoiar a descriminalização do aborto. Nesse caso, ela enquanto indivíduo não pratica o aborto, mas também não criminaliza quem pratica, se posicionando assim de forma contrária ao conservadorismo político. Assim, só é possível se tratar do comportamento humano quando esse está no campo político, fora desse campo todas as atitudes são de foro íntimo, não passíveis de qualquer análise política.

Uma vez entendido que o conservadorismo político contemporâneo se originou a partir da crítica ao Iluminismo e a Revolução Francesa, entendemos que os marcos classificatórios do conservadorismo estão nas propostas de transformação social que aumentam a participação e os direitos das camadas mais pobres da sociedade. Dessa forma, o conservadorismo político é contrarrevolucionário e antidemocrático. Hirschman (1992) citando Marshal (1949), aponta três momentos em que o discurso conservador esteve mais ativo: na luta contra os direitos civis defendidos pela Revolução francesa, depois na luta contra os direitos políticos, em especial no século XIX com a luta pelo sufrágio universal, e, por fim, na luta contra o Estado Social, o “welfare state”, no embate as políticas sociais e de assistência. Sendo assim, ele não define o que é o conservadorismo, ele simplesmente identifica a retórica conservadora, ou seja, nossa questão inicial continua.

Em nossa análise, conservadorismo é uma categoria histórica, ou seja, deriva de processos sociais através do tempo. Conhecemos o conservadorismo porque as pessoas se comportam de forma conservadora. Este processo histórico gera certa regularidade de argumentos para situações análogas, o que nos permite observar o desenvolvimento de uma cultura conservadora. Dessa forma, não é possível se pensar em conservadorismo como uma categoria estática, tanto sociológica quanto antropologicamente. A história é



marcada por disputas, em especial por aquilo que se vinculou chamar de “luta de classes”. O conservadorismo é um elemento ideológico que constrói senso comum. Portanto, não é exclusivo de nenhuma classe social. Na disputa por poder que ocorre no campo da cultura, o conservadorismo é um importante elemento na construção dos interesses de classe e na própria consciência de classe. Em tal processo não estão em disputa somente as condições materiais de sobrevivência, estão também as condições simbólicas, compostas por diversas argumentações de diferentes naturezas. O que torna o processo de conscientização mais lento.

Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real. Mas se adotarmos uma concepção estática da categoria de classe, ou se fizermos descender esse nosso conceito de um modelo teórico preliminar de totalidade estrutural, não procederemos assim, pois estaremos subentendendo que a classe está presente desde o início como um resultado de relações de produção. (THOMPSON, 2012, p. 274).

Ao afirmarmos que classe e consciência de classe são sempre a última fase de um processo real, naturalmente não pensamos que isso seja tomado no sentido literal e mecânico. Uma vez que se tem uma consciência de classe desenvolvida, os jovens podem ser “socializados” em um sentido classista, e as instituições de classe prolongam as condições para sua formação. Podem-se gerar tradições ou costumes de antagonismos de classe que não correspondam mais a um antagonismo de interesses. Mas tudo isso faz parte da complexidade que habitualmente encontramos na nossa análise histórica, especialmente a contemporânea. A questão é que não podemos falar de classes sem que as pessoas, diante de outros grupos, por meio de um processo de luta (o que compreende uma luta em nível cultural), entrem em relação e em oposição sob uma forma classista, ou ainda sem que modifiquem as relações de classe herdadas, já existentes (THOMPSON, 2012).

A compreensão do Thompson em romper com a tradição marxista ortodoxa que coloca em oposição a base e a superestrutura, é fundamental para o argumento que nós defendemos neste trabalho. Não é possível entender o conservadorismo desvinculado dos interesses de classe, mas não é só isso. O conservadorismo é reproduzido como argumento de uma retórica que ultrapassa as questões de classe, encontrando as questões abstratas de sobrevivência que estão em disputa no campo da cultura, em



especial nas diferentes demandas dos grupos minoritários: mulheres, homossexuais, negrxs e etc. Isso não quer dizer que a luta de classes desapareça. Ela simplesmente se torna mais complexa com mais variantes ocorrendo em diferentes espaços sociais.

Essas disputas se dão em todos os campos sociais e é objeto de interesse especial para o campo da educação, já que as demandas dos diferentes grupos estão encontrando respaldo no campo político, exigindo uma política educacional adequada as suas conquistas. Um exemplo disso é a lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira. Nesse caso as disputas do campo político se materializaram de forma objetiva em uma lei, que não resolve o problema, já que a maioria das escolas ainda não a cumpriu, mas cria condições objetivas de luta. Todavia, muitas demandas ainda estão em fase preliminares de disputa. Esse é o caso da comunidade LGBTs, que recentemente vem sofrendo reveses dos conservadores políticos. Avanços e retrocessos ainda marcam a sua história. Entretanto, nesse contexto, muitxs jovens homossexuais ou aquelxs que apresentam um comportamento de gênero diferente a norma padrão, vêm sofrendo maus tratos na escola. São vários os casos de homofobia e lesbofobia ocorridos nas escolas brasileiras que vêm influenciando nas tessituras identitárias de todxs xs estudantes.

Nesse cenário, as práticas impetradas aos homossexuais estão fundamentadas no pensamento conservador político levando a um discurso hegemônico que preconiza a heterossexualidade como a norma metro-padrão do comportamento sexual, que está fomentando a cada dia a construção do preconceito contra essas pessoas, se tornando assim um instrumento poderoso de manutenção das hierarquias sociais, morais e políticas.

Estamos chamando de discurso hegemônico aquele discurso capaz de criar formas e práticas de consentimento, de modo a transformar uma experiência particular (neste caso, a experiência heterossexual burguesa) em pretensamente universal, inferiorizando ou invisibilizando quaisquer outras possibilidades da experiência social. Barret (1996, p. 238) esclarece que “a melhor maneira de entender a hegemonia é como a organização do consentimento: os processos pelos quais se constroem formas subordinadas de consciência, sem recurso à violência ou à coerção”. As práticas sociais baseadas na heteronormatividade constituíram-se, ao longo da história ocidental, em processos capazes da construção de subordinação de outras práticas sexuais e sociais. O que significa não a exclusão das homossexualidades do cenário social, mas sim a sua subalternidade no



interior dos processos hegemônicos (PRADO; MACHADO, 2008. p. 13).

O pensamento conservador político produz as hierarquizações que levam as construções das inferiorizações e dos preconceitos e também estão presentes nos cotidianos de nossas escolas, levando muitas alunas e alunos com orientação homossexual a vivenciarem situações de subalternidade. Vale ressaltar também, que são utilizadas em grande escala a retórica conservadora, principalmente a tese da ameaça apontada por Hirschman (1992). Na prática o conservadorismo político trabalha com a tese de que as homossexualidades vão destruir a família, disseminando o medo na sociedade, portanto a escola deve se defender de tal ameaça.

Nossas alunas e alunos frequentam a escola durante pelo menos doze anos, entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, ficam entre quatro e quatro horas e meia por dia na instituição escolar durante nove meses e meio, perfazendo um total de duzentos dias letivos por ano. Durante todo esse tempo aprendem como devem se comportar a partir das hierarquizações e inferiorizações que vão sendo travadas nos cotidianos das escolas. A partir da retórica e de práticas conservadoras que são desenvolvidas em nossas instituições educacionais, não há como não tecerem uma aprendizagem sobre o que é considerado correto.

Através da retórica e do pensamento conservador os dispositivos de poder se inter-relacionam e se estabelecem no interior das instituições educacionais, evidenciando assim que as maneiras de produzir verdade se materializam em práticas políticas que interferem nos modos como se tecem a vida e a prática profissional. Assim, todos os alunos, vão percebendo que existe uma conduta que é a considerada como a “normal”. As diferenças e as desigualdades são construídas nas relações de poder, e é justamente no exercício delas que se teceram, ao longo da história, a visão de que homens e mulheres são diferentes. Todavia, podemos inferir que essa diferença foi arquitetada como inferioridade pelo pensamento e pela retórica conservadora, ou seja, foi produzida uma retórica conservadora da ordem social no qual as mulheres são seres naturalmente inferiores aos homens, estes sim vistos como superiores. A raiz da alegação social da diferenciação dos papéis atribuídos aos homens e mulheres parte justamente da questão da naturalização entre os dois sexos.



[...] a ordem (chamada “natural”) dos sexos determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar do masculino pelo viés da subordinação psicológica e cultural. O sexismo define-se, desde então, como a ideologia organizadora das relações entre os sexos, no âmago, da qual o masculino caracteriza-se por sua vinculação exterior e político, enquanto o feminino reenvia à intimidade e a tudo o que se refere à vida doméstica. A dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível, precisamente porque ela é apresentada pelo dominador e aceita pelo dominado como natural, inevitável e necessária. O sexismo caracteriza-se por uma constante objetivação da mulher (BORRILLO, 2010, p. 30).

É para conseguir essa objetivação da mulher que alguns discursos da retórica conservadoras são criados. A retórica conservadora é intransigente (Hirschman, 1992) e faz uso dos mais diferentes discursos. Um desses é o religioso. Tal discurso é extremamente poderoso e com efeitos variados. O discurso religioso é muito comum nas escolas brasileiras, historicamente organizada pelo campo religioso. Portanto, é nas escolas que o embate se torna bastante violento para as mulheres e para a comunidade LGBTs.

Passamos agora a analisar um caso específico de uma aluna que sofria práticas machistas e homofóbicas no interior de uma escola pública.

Práticas Machistas e Homofóbicas no interior de uma escola pública

Marina¹ era aluna da Fundação de Apoio à Escola Técnica e foi autorizada por sua mãe a participar da entrevista que desenvolvemos na instituição. Assim que nos encontramos na sala que havia sido disponibilizada pela diretoria da escola para a realização das entrevistas, a jovem nos interpelou dizendo:

Oi eu queria te perguntar, eu queria saber sobre o meu nome? Ele vai sair na entrevista. Eu vi no papel que você enviou para a minha mãe que o nome da gente não vai sair, que o nome vai ser alterado, queria saber disso antes de começar a responder às suas perguntas?

Nós a tranquilizamos dizendo que o nome dela seria alterado e por isso estaria preservada. Em seguida, perguntamos se ela sabia o objetivo de nossa pesquisa e ela disse que sim, pois tinha lido no documento que havíamos enviado para os responsáveis. Assim, iniciamos a entrevista e perguntamos a ela quem eram as alunas e os alunos que sofriam preconceito e discriminação na escola. Ela nos respondeu:



Os alunos muito inteligentes, os alunos com óculos, os alunos com aparelhos, os gordinhos demais, o magro demais, o homossexual, as meninas homossexuais também.

Após essa resposta perguntamos a Marina: as meninas homossexuais também? A maioria de suas colegas e de seus colegas nos disseram que elas sofrem menos preconceito que os meninos com orientação homossexual, a maioria diz até que não existem meninas homossexuais na escola.

Existem sim, eu mesma, acho que posso falar com você, sou homossexual. Eu não falo isso para todo mundo não, só algumas pessoas sabem aqui na escola, umas três colegas, a psicóloga da escola, a coordenadora e uma diretora, mais ninguém, nem meus pais. Eu não sei como vou falar com eles. As meninas homossexuais sofrem preconceito sim, mas a gente é mais discreta, sabe disfarçar melhor. Os meninos gays, muitas vezes, como são muito femininos, se expõem mais; não conseguem disfarçar tanto.

Em seguida, perguntamos: *Se vocês são mais discretas como é que sofrem preconceito aqui na escola?* Marina respondeu:

Somos mais discretas, mas somos homossexuais e algumas pessoas que prestam mais atenção percebem, duas das minhas colegas que sabem aqui na escola, eu não falei nada para elas, elas é que perceberam e me perguntaram. Teve um garoto que outro dia me zoou também, ele ficava me chamando de gostosa que queria me dar uns pegas, toda hora ele falava essa besteira e aí eu mandei ele parar de ficar falando isso, aí ele me disse: você não gosta de ser chamada de gostosa, toda mulher gosta. Aí me disse que eu era estranha e esquisita, e que parecia que eu só gostava era de elogio de mulher.

A narrativa da jovem evidencia que as diferenças de gênero e de sexualidade demonstram-se na maneira dela agir, em seu corpo e nas ações práticas que ela materializa, o que a leva a ser marcada pelo discurso produzido por seu colega de escola que a distingue como uma mulher diferente. Logo após a resposta acima, questionamos junto à aluna: *você considera que a fala desse seu colega foi uma forma de preconceito e discriminação?* Imediatamente ela me respondeu:

Claro que sim, primeiro porque as meninas têm que ser chamadas de gostosas a toda hora? Eu não vejo as minhas amigas que gostam de meninos ficarem chamando os meninos de gostosos o tempo todo. Parece que os garotos quando nos veem só ficam pensando em sexo. Isso para mim é um tipo de discriminação, e porque não gosto de ser chamada dessa forma o cara ainda me chama de estranha e esquisita. Isso é discriminação sim, mas a maior discriminação que eu sofro é ter que esconder que sou homossexual.



É bastante interessante a análise de Marina, assim como sua indignação por ser chamada de estranha e esquisita, o que novamente nos leva a inferir que no interior da Escola Estadual de Ensino Fundamental República parece que alguns jovens possuem uma visão conservadora do gênero feminino, de como a mulher deve se comportar, quem foge desse padrão se torna a diferente, a estranha, a esquisita, a excêntrica.

Conforme registra o dicionário, excêntrico é aquele ou aquela que está fora do centro; é o extravagante, o esquisito; é também, o que tem um centro diferente, um outro centro. Jogar com acepções dicionarizadas das palavras pode se mostrar um exercício interessante: pode nos ajudar a pensar sobre as formas como se estabelecem as posições de sujeito no interior de uma cultura — e, conseqüentemente, pode nos ajudar a pensar sobre as formas como a escola e o currículo realizam sua parte neste empreendimento (LOURO, 2003, p. 44).

Neste momento é importante que façamos uma análise sobre a palavra gênero, pois as respostas de Marina nos dão pistas de que ela era chamada de estranha e esquisita por apresentar um comportamento de gênero que se afastava da norma comportamento feminino dominante. Segundo Costa (2016), na linguagem científica e do senso comum a palavra *sexo* é utilizada para mostrar as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, pensando nisso estudiosas feministas passaram a utilizar o termo *gênero* como forma de designar o caráter cultural e social dessas significações.

(a palavra gênero) vem de um radical que significa ‘produzir’ (*generate*/gerar) e que deu origem a palavras que significam ‘tipo’ ou ‘classe’ (*genus*) em diversas línguas. Na gramática, o ‘gênero’ se tornou uma referência à distinção específica entre classes de substantivos ‘que correspondem mais ou menos’ – como o *Oxford English dictionary* do século XIX primeiramente notou – ‘a distinções de sexo (e ausência de sexo) nos objetos de que se trata. (CONNEL e PEARSE, 2015 apud COSTA, 2016, p. 15).

Como achamos bastante interessantes as análises da estudante para uma jovem de apenas 15 anos, perguntamos por que ela, então, escondia sua orientação sexual.

Eu escondo porque não quero ser zoada por ninguém, porque não quero que meus pais fiquem tristes, eu sei que eles queriam que eu fosse como minhas outras irmãs que gostam de meninos. Aqui na escola as pessoas não sabem lidar com os homossexuais não. Não sei se já te contaram, mas tem um aluno chamado Bernardo aqui na escola que é homossexual assumido. Você tem que ver como as pessoas tratam ele, um monte de preconceito, xingam ele, zoam ele, os meninos excluem ele de tudo. E não são só os garotos que zoam ele não, algumas meninas também e muita professora também. Ano passado ele foi expulso de sala de aula pela professora, ela chamou



ele de macumbeiro, mas na verdade ela não gostava dele ser gay, ficava chamando ele de gay também, a sala de aula dele era do lado da minha e ela sempre gritava com ele, falando que ele tinha que ser como homem, que não podia parecer um gay. E não era só ela que discriminava ele não, a professora de inglês também mandava ele ser como homem, que não podia parecer uma mulherzinha. Depois de tanto preconceito você acha que eu vou assumir que sou homossexual? Eu vou esconder o quanto eu posso. Eu só contei para a psicóloga, para a coordenadora e para a diretora da escola porque elas me chamaram para uma reunião porque eu tinha faltado muito na escola, e estava muito triste, acho que algum professor reclamou com elas. E eu estava triste mesmo, pois tinha brigado com a minha namorada e elas até me ajudaram.

Nesse momento é importante que façamos uma leitura da narrativa de Marina; toda a fala da jovem sinaliza que os sujeitos formam as suas identidades a partir dos discursos produzidos, discursos esses que são feitos pelos outros e por nós mesmos, sejam sobre nós e sobre os outros, como bem analisou Foucault (1996). Esses discursos levam os indivíduos a tecerem aprendizagens de quem somos, do que os outros são, assim como dos contextos que estão a nossa volta, se os discursos produzidos estiverem baseados em uma retórica conservadora, muitos dos alunos poderão desenvolver um pensamento político conservador em relação a si mesmo e ao outro, e a partir daí começarem a praticar a discriminação e o pré-conceito com relação as estudantes e aos estudantes homossexuais o que irá interferir na tessitura das identidades de todxs xs alunxs .

[...] resultado da construção histórica que vem se desenvolvendo desde o final do século XIX, as identidades são associadas ao que seria nossa “verdadeira identidade” (FOUCAULT, 1988). Assim sendo, colocar essas questões em foco significa pensar como cultura, escolas e sujeitos se articulam através das construções de gêneros e sexualidades, entendendo-os como campo de lutas, negociações, contestações e encontros, em que se produzem tanto os sentidos quanto os sujeitos que vão constituir diversos grupos sociais e suas singularidades (SILVA, 1999) (FERRARI, 2010, p. 253).

Após a fala da jovem, levantamos indícios de que ela construiu, a partir dos discursos proferidos, baseados em uma retórica conservadora, contra Bernardo, aprendizagens negativas sobre a homossexualidade, e para fugir das humilhações que seu colega sofria preferia esconder sua orientação homossexual. Dessa forma, percebemos que a formação das identidades de Marina foram afetadas pelos discursos



proferidos contra a homossexualidade no contexto em que ela estava inserida, levando a jovem a ocultar sua sexualidade e tecer uma aprendizagem de que essa não devia ser visibilizada, embora pudesse ser praticada às escondidas, o que evidencia mais uma vez como o discurso é um dispositivo de poder que está entrelaçado com a retórica conservadora.

Voltando à entrevista realizada com Marina, após a narrativa onde ela expõe sua opção de ocultar sua orientação sexual, nós perguntamos: *além do que o Bernardo passou por ter assumido sua orientação homossexual e de você mesma ter tido uma experiência desagradável com o seu colega que a chamou de esquisita, você vivenciou outras situações de discriminação na escola?*

Olha, como eu tento esconder ao máximo que sou homossexual e nem todo mundo percebe que eu sou aí eu não sofro muita discriminação não. A não ser de um professor que às vezes me pergunta se eu já arrumei um namorado homem? Que eu sou muito bonita e tenho que arrumar um namorado homem. Bem, eu acho que ele percebeu que sou homossexual e fica dando indiretas. O problema é que ele fala isso na frente de quem estiver comigo e fica rindo. Eu fico muito chateada, na última vez que ele me perguntou isso eu respondi que sim, que arrumei um namorado, aí ele disse: eu sabia que um dia você ia ver como namorar é bom. Eu menti porque não quero que as pessoas me zoem e não quero que meus pais saibam.

A alocação da aluna em questão nos soa como evidência de que ao ocultar sua sexualidade ela estava tentando se proteger da discriminação, do preconceito e de passar por situações de sofrimento e humilhação como as vivenciadas pelo colega Bernardo. As práticas discriminatórias e preconceituosas desenvolvidas no interior da escola de Marina a impediram de assumir na escola sua orientação sexual.

É neste contexto que podemos imaginar a energia necessária para a experiência do *sair do armário*. O *sair do armário*, enquanto posicionamento que torna visível a não heterossexualidade demanda um grandioso esforço psicológico, mas não só, pois, além disso, precisará criar estratégias sociais de enfrentamento daquilo que Villaamil (2005) denominou como sendo o “paradoxo do armário”. O *sair do armário*, portanto, exige uma ressignificação das características negativas assimiladas bem como o enfrentamento público e político ao desqualificar e tornar visível os fundamentos que justificam a subalternidade e a inferiorização. O que torna o *sair do armário* um processo, muitas vezes implicado por sofrimento aos sujeitos, já que, a partir desta visão, ele exigirá mudanças profundas e concretas na vida dos indivíduos, obrigando-os, na maioria das vezes, a buscar novos espaços de sociabilidade, de trabalho e de identificação (PRADO; MACHADO, 2008, p. 77).



Podemos concluir, portanto, que “sair do armário” significa tornar visível uma orientação sexual que antes se encontrava invisibilizada. É assumir publicamente uma orientação homossexual, ou, melhor dizendo, é revelar uma identidade homossexual com todas as implicações que isso acarreta, é despontar os desejos, os sentimentos e as práticas. Por isso que a experiência de sair do armário é uma posição política que interfere na formação das identidades das pessoas com orientação homossexual.

Dessa forma, as experiências vividas na escola são importantíssimas no complexo processo de formação das identidades de todas as alunas e os alunos, assim como nas das alunas e alunos com orientação homossexual, pois estes têm o direito de desenvolver suas identidades num contexto, onde o preconceito e a discriminação não inflijam a esses estudantes situações de exclusões que interferiam de uma maneira cruel na formação de suas identidades. A história de Marina, narradas nesta trabalho, dão sinais de que ainda não se sabe lidar com as diferenças no interior da escola pesquisada. Em razão desse desconhecimento, práticas homofóbicas foram desenvolvidas contra essa estudante. Já chegou a hora das escolas aprenderem a lidar com essas alunas e alunos que as habitam e nos habitam, e que essas e esses possam ter o direito de serem diferentes, e, acima de tudo que não sejam mais alvos da cruel homofobia

Considerações Finais

Quando atentamos para o problema da discriminação da comunidade LGBTs, tratamos, normalmente, da questão dos direitos humanos. Ou seja, ainda estamos presos a tese iluminista que entende que o reconhecimento e o respeito as diferenças fazem parte de um desenvolvimento civilizatório da espécie humana. Todavia, o que nós apontamos aqui está para além desta discussão.

Nós estamos apontando neste trabalho não para o problema do desrespeito e da discriminação, mas para o efeito pedagógico da cultura homolesbofóbica. Quando se afirma e se luta contra o preconceito, indiretamente damos munição para o discurso conservador, uma vez que esse reproduz a tese do medo. O exemplo da aluna Marina é bem claro, ela prefere esconder a sua orientação sexual a ter que sofrer com as agressões lesbofóbicas.



Com efeito, o que pedagogicamente está sendo reproduzido? Que a sociedade não admite a homossexualidade, então se você quiser ser homossexual que seja de forma escondida. Não queremos dizer com isso que a luta pelos direitos dos homossexuais é ineficaz e inválida. O que estamos dizendo é que não basta uma luta por leis que garantam direitos as minorias, precisamos lutar no campo da cultura para se criar mecanismos de interação entre as diferenças. O que nós vimos é que o conservadorismo político homolestófico gera sofrimento, é isso nós não podemos admitir de maneira nenhuma, principalmente se quisermos garantir que uma nova cultura se efetive de fato no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAZZI, Tiziano. Verbete conservadorismo. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora UNB. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autentica, 2010.
- BRASIL. Lei 10.639/2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.
- COSTA, Nathalya Reimol da. A Construção do Gênero na Educação Infantil: um estudo teórico. Monografia (Graduação em Psicologia) – Graduação em Psicologia, Faculdades Integradas Maria Thereza, 2016.
- FERRARI, Anderson. Você já deve saber sobre minha “orientação sexual” (se não sabia, ficou sabendo agora, hehe) – subjetividades e sujeitos em negociação. In: FERRARI, Anderson. *Sujeitos, subjetividades e Educação*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HIRSCHMAN, Alberto. *A Retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra a homossexualidade: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

ⁱ É importante mencionar que o nome da estudante foi alterado.